

## SUMÁRIO

Prefácio.....	6
Agradecimentos .....	8
Abreviações .....	11
Introdução .....	12
1. O que é a igreja.....	22
2. O governo da igreja.....	44
3. O poder da igreja .....	65
4. Os ofícios da igreja.....	87
5. Os concílios da igreja.....	119
6. Conclusão.....	144
7. Governo da igreja: uma bibliografia selecionada e anotada .....	148

## PREFÁCIO

Por cerca de uma década, ministrei um curso sobre eclesiologia e culto presbiteriano no Gordon-Conwell Theological Seminary. Desenvolvi uma bibliografia bastante extensa (dezenove páginas, espaço simples) e fiquei surpreso com o quanto foi escrito sobre a igreja (*eclesiologia*) nos séculos 17 a 19 e quão pouco a partir dessa época. Um dos resultados é que, mesmo se alguém estivesse interessado em aprender mais sobre a igreja de Cristo, seria difícil fazê-lo sem os recursos de um seminário teológico, uma vez que a maior parte do bom material escrito sobre a igreja estava esgotado. Thomas E. Peck (o sucessor de Robert Lewis Dabney no Union Seminary, Virgínia) estava esgotado; Charles Hodge, de Princeton, registrou a maior parte dos seus escritos eclesiásticos no *Princeton theological review*; Thomas Smyth, de Charleston, estava esgotado; James Bannerman, de Edimburgo, alternava entre estar esgotado e estar reeditado; John B. Adger escondeu-se nas páginas do *Southern Presbyterian review* (1847-1885).

Os séculos 17 a 19 haviam tratado dos temas não apenas profundamente, mas avidamente. Em 1841, Thomas Smyth escreveu *An ecclesiastical catechism* que tinha 124 páginas e fazia 280 perguntas relacionadas à igreja, tais como estas, e as respondia:

- “Qual é o significado da palavra *católica*?”
- “Então, no que a unidade da igreja consiste essencialmente?”
- “O que você quer dizer por uma igreja verdadeira?”
- “A filiação a qualquer igreja visível é suficiente para assegurar a salvação da alma?”
- “Quais são os deveres dos membros de cada igreja particular para com aqueles de todas as outras denominações cristãs?”

Hoje seria muito difícil pensar em fazer 280 perguntas sobre a igreja e mais difícil ainda encontrar alguém que as respondesse.

Algumas coisas de uma natureza mais recente foram escritas sobre a igreja, mas eram predominantemente práticas: como organizar reuniões, como lidar com os jovens (e seus pais), como aconselhar pessoas que não queriam nada disso e assim por diante. Porém, em grande medida, as perguntas sobre como a igreja deve ser governada, por quem e com que propósito não foram abordadas. Se a igreja tem algum poder, que tipo de poder é esse? Que tipos de coisa seus oficiais devem exigir corretamente dos membros? Ser um membro da igreja é algo em si mesmo importante ou necessário, ou um aspecto do discipulado cristão? Essas perguntas não foram respondidas de modo incorreto; elas simplesmente não foram feitas.

Em algumas ocasiões, essas perguntas e outras semelhantes acabaram sendo feitas em circunstâncias nas quais uma catástrofe eclesiástica já havia acontecido. Em igrejas que tinham sofrido divisões terríveis, dolorosas (ou ambas as coisas), os sobreviventes, algumas vezes, perguntavam se a dor poderia ter sido evitada e, se sim, como? Mas, em geral, obras sérias a respeito da igreja e o seu governo, bem como a respeito dos seus limites, simplesmente não foram escritas.

Nesse deserto árido, o doutor Guy Waters inseriu um oásis. Num livro que é tanto abrangente quanto breve, tanto erudito quanto acessível, variado e ao mesmo tempo claro, o doutor Waters cobriu as bases da eclesiologia no seu *Como Jesus governa a igreja*. Sua obra é historicamente informada, teologicamente integrada e biblicamente fundamentada; suas argumentações sobre temas controversos são sempre sensatas e criteriosas. Embora nem todos consigam concordar com ele em cada pequeno detalhe, todos concluirão que ele se envolve de modo criterioso e gentil com aquelas visões das quais discorda. Se esse livro existisse quando lecionei no Gordon-Cronwell, não teríamos esgotado os papéis da copiadora reproduzindo capítulos e artigos de livros e revistas teológicas.

Numa cultura americana narcisista, igualitária, pluralista e voluntarista, a argumentação cuidadosa do doutor Waters sobre a maneira como o Cristo ressurreto governa sua igreja pode parecer tão peculiar quanto minhas aulas de grego, mas isso é precisamente do que precisamos e do que temos necessitado por um longo tempo. Há apenas dois tipos de pessoa que deveriam ler este livro: aqueles que amam a noiva de Cristo, a igreja, e aqueles que não a amam.

T. David Gordon  
 Professor de Religião e Grego  
 Grove City College  
 Grove City, Pennsylvania

## AGRADECIMENTOS

Sou presbiteriano, mas não filho de presbiteriano. Cresci numa igreja luterana, e tornei-me membro da Presbyterian Church of America mais tarde na minha vida, na idade madura de 20 anos. Deleitei-me e ainda me deleito nos compromissos sólidos da PCA com a autoridade bíblica e a fé reformada. Contudo, confesso que no início senti-me um tanto perplexo com o modo presbiteriano de governo. “Presbítero”, “diácono”, “assembleia”, “conselho” – estes foram apenas alguns dos termos incomuns com os quais me deparei como um novo presbiteriano. Fui aconselhado a comprar um exemplar do *Book of church order*, da PCA. Comprei e comecei a estudá-lo. Algumas das minhas perguntas foram respondidas. Outras tantas perguntas surgiram. Sempre gostei de saber como as coisas funcionam e por que funcionam do modo como funcionam. Eu queria saber como e por que os presbiterianos fazem o que fazem quanto ao governo da igreja. Para onde eu poderia ir para começar a obter algumas respostas?

Eu não sabia naquela época, mas essa curiosidade foi a semente da qual este livro seria germinado até chegar à sua forma atual. Ao longo da minha caminhada, obtive muita ajuda. Foi David F. Coffin Jr. quem primeiramente me direcionou às declarações e exposições clássicas da forma de governo eclesiástico presbiteriano. Esse material nem sempre é fácil de ser localizado, mas suas recompensas têm excedido grandemente minhas expectativas. Consegui sentar-me e manter diálogos com algumas das mentes reformadas mais brilhantes dos últimos quatro séculos. Isso foi verdadeiramente um privilégio. Por essa razão, quis dar aos leitores do século 21 uma oportunidade de “ouvi-los” comigo.

É raro encontrar uma pessoa para a qual o governo da igreja desperte não apenas interesse, mas, mais raro ainda, paixão. Na providência de Deus, tenho me encontrado com algumas dessas ao longo do caminho. Sou particularmente agradecido a Dave Coffin, J. Ligon Duncan III, James “Bebo” Elkin, David Jussely

e W. Duncan Rankin por conversas e conselhos proveitosos nessa área. Devo entender o agradecimento também a Bebo, C. N. Willborn e T. David Gordon, os quais doaram generosamente do seu tempo para ler um rascunho desta obra e dar opiniões. T. David foi bem gentil em escreveu um prefácio para este livro e, por isso, sou especialmente grato.

O governo da Igreja Presbiteriana precisa ser aprendido, mas também precisa servir de modelo. Sou grato por alguns bons modelos ao longo dos anos. Os ministros e presbíteros da Church of the Good Shepherd (PCA), Durhan, Carolina do Norte, onde tive a oportunidade de servir como pastor interino, mostraram-me como um governo eclesiástico que funciona bem pode beneficiar a vida da congregação. O presbitério Mississippi Valley (PCA), no qual atuo como presbítero docente na PCA, fez o mesmo por mim numa escala mais ampla.

A instituição na qual leciono, Reformed Theological Seminary, Jackson, concede-me graciosamente a oportunidade de lecionar um curso de formas de governo eclesiástico todo ano. Robert C. Cannada Sr., um dos pais fundadores da PCA e um dos fundadores do RTS, tem um interesse particular pelo sistema de governo presbiteriano. W. Jack Williamson, outro pai fundador da PCA, lecionou formas de governo eclesiástico no RTS –Jackson por muitos anos, até ser levado para o lar celestial para estar com o Senhor. Esse é um legado notável e eu assumo a responsabilidade por esse curso com admiração e temor. Pelo apoio e encorajamento contínuo, devo agradecer especialmente ao doutor Guy Richardson, presidente do Reformed Theological Seminary, Jackson, e ao doutor Miles Van Pelt, Deão acadêmico do Reformed Theological Seminary, Jackson.

Sou grato aos meus alunos de formas de governo eclesiástico, com os quais testei o material deste livro. Suas perguntas, comentários e reflexões ajudaram a moldar e refinar meus pensamentos. Acredito que este livro foi melhorado por essa razão. Agradeço de modo particular ao meu assistente de pesquisa, Michael Lynch, que diligentemente leu e de modo proveitoso comentou esta obra quando ainda se encontrava no formato de rascunho.

Agradecimentos especiais também a Marvin Padgett, vice-presidente editorial da P&R Publishing. Este projeto não teria visto a luz do dia se não fosse seu encorajamento e apoio. Sou grato ao restante do pessoal da P&R pelo seu trabalho coletivo em conexão com este livro. Desejo, ainda, agradecer particularmente a John J. Hughes, que supervisionou o processo editorial até o final; Rick Matt, que revisou a obra, e Mary Ruth Murdoch, que corrigiu as provas.

Devo reservar uma gratidão especial à minha família. Minha esposa, Sarah, tem me apoiado ao longo do caminho, expressando nada além de estímulo e encorajamento amoroso. Meus filhos estão chegando à idade em que podem compreender o

que é o governo bíblico da igreja. Espero que, um dia, cheguem a esse ponto e, desse modo, possam adotá-lo como uma boa dádiva de Jesus para sua igreja. Na verdade, isso é o que eu espero que você também faça. Que o Senhor se agrade em usar este livro para esse fim.

Guy Prentiss Waters  
Jackson, Mississippi  
Fevereiro 2011

## INTRODUÇÃO

O que vem à sua mente quando você ouve a palavra “governo”? Nos Estados Unidos, a maioria dos cidadãos tem contato regular com o governo local, estadual e federal. Algumas vezes, o governo faz exigências sobre o nosso tempo, como o dever de servir como jurado ou de fazer o serviço militar. Outras vezes, o governo faz exigências ao nosso bolso, como no caso dos impostos sobre vendas, e ao nosso salário, como no caso do imposto de renda. É comum ouvir as pessoas reclamarem sobre as exigências que seus representantes eleitos fazem a elas.

Também é fácil esquecer as coisas boas que os governos que funcionam bem proporcionam aos seus cidadãos. Escolas, rodovias, segurança pública e uma multidão de outros serviços e benefícios possibilitam irmos trabalhar, criar nossa família e nos reunir com o povo de Deus para adorar e servir. Se você já viveu num país com um governo fraco ou desestruturado, ou já visitou um, pode verdadeiramente apreciar um bom governo. Um governo precário pode significar que não podemos contar com coisas como empregos estáveis, água limpa e eletricidade ou segurança pessoal. Um governo fraco pode até mesmo significar que os cidadãos não podem desfrutar de liberdades e autonomias básicas que muitos de nós, no Ocidente, desfrutamos. Resumindo, quer pensemos muito sobre governo ou não, ele faz uma grande diferença na qualidade da nossa vida diária.

### **Governo na igreja**

A igreja tem um governo próprio. Isso não é por acidente. Como veremos, as Escrituras ensinam que o próprio Jesus instituiu um governo para a sua igreja, um governo que encontramos somente na Bíblia. Esse governo é uma parte importante da maneira como Jesus governa o seu povo.

Como o governo civil, o governo da igreja pode, às vezes, fazer exigências a nós. Também como o governo civil, o governo da igreja, quando funciona bem, ajuda o povo de Deus a viver bem sua vida cristã. Quando o governo da igreja deixa de ser o que Jesus o chamou para ser, esse colapso pode prejudicar a vida cristã.

Em outras palavras, o governo da igreja é uma parte crucial do discipulado cristão. O governo da igreja é algo pelo que todo cristão dever ter intenso interesse. Seja você um cristão jovem ou maduro, novo numa igreja presbiteriana ou descendente de gerações de presbiterianos, um experiente oficial da igreja ou não, você precisa saber o que a Bíblia ensina sobre o governo da igreja. Esse conhecimento o ajudará a buscar uma vida cristã produtiva, a orar melhor pelos oficiais e pelo trabalho da igreja e a servir à igreja com mais competência. Acima de tudo, isso o auxiliará a ter apreciação renovada pela sabedoria e glória da única Cabeça e Rei da igreja, Jesus Cristo.

### O que aconteceu com o governo da igreja?

É justo dizer que o interesse pelo governo da igreja (também chamado constituição da igreja) tem diminuído no último século. Uma maneira de ver isso é olhar as publicações relativas à constituição da igreja. Apesar de terem sido reimpressas, as articulações clássicas do governo da Igreja Presbiteriana, por Thomas E. Peck, Thomas Witherow e John Macpherson, datam do século 19.<sup>1</sup> Os tratamentos presbiterianos clássicos da doutrina da igreja igualmente datam do mesmo período.<sup>2</sup> Isso para não falar dos incontáveis artigos, resenhas e palestras que

1 Thomas E. Peck. *Notes on ecclesiology* (Richmond, VA: Presbyterian Committee of Publication, 1892; reed., Greenville, SC: Presbyterian Press, 2005); Thomas Witherow. *The Apostolic church: Which is it? An enquiry at the oracles of God as to whether any existing form of church government Is of divine right*, 5 ed. rev. (1881; reed., Glasgow: Free Presbyterian Publications, 1990); John Macpherson. *Presbyterianism* (Edimburgo: T&T Clark, 1882). Uma edição desta última obra foi publicada em 1949.

2 Representativos são Stuart Robinson. *The church of God as an essential element of the Gospel* (Filadélfia: Joseph M. Wilson, 1858; reed., Willow Grove, PA: The committee on Christian education of the Orthodox Presbyterian Church, 2009); James Bannerman. *The church of Christ: A treatise on the nature, powers, ordinances, discipline and government of the Christian church*, 2 vols. (Edimburgo: T&T Clark, 1868; reed., Edimburgo: Banner of Truth, 1960); Thomas Witherow. *The form of the Christian temple: Being a treatise on the constitution of the New Testament church* (Edimburgo: T&T Clark, 1889); William D. Killen. *The framework of the church: A treatise on church government* (Edimburgo: T&T Clark, 1890).



foram publicados em periódicos, jornais, minutas e outros órgãos das entidades presbiterianas do século 19.<sup>3</sup>

Esses manuais, livros, artigos e palestras refletem discussões vigorosas e, algumas vezes, discordâncias entre presbiterianos do século 19 a respeito de governo da igreja. Elas nos lembram de uma época em que alguns dos melhores e mais brilhantes ministros e teólogos da Igreja Presbiteriana dedicaram seu tempo e energia a questões da constituição eclesiástica.

Esse interesse e dedicação não aconteceram apenas no século 19. O livro IV das *Institutas da religião cristã* de 1559 – um terço das *Institutas*, de Calvino, é dedicado à doutrina da igreja.<sup>4</sup> Uma parte substancial do Livro IV trata de questões relativas ao governo da igreja. Esse interesse foi levado para a Escócia nos séculos 16 e 17, onde John Knox, Samuel Rutherford e George Gillespie refletiram extensivamente sobre o governo da igreja.<sup>5</sup> Mantendo sua herança da Reforma e presbiteriana escocesa, a PCA manteve o antigo interesse da igreja reformada pela doutrina da igreja, em geral, e pela constituição da igreja, especificamente.

Evidentemente, hoje os presbiterianos continuam a estudar, a discutir e a debater o governo da igreja.<sup>6</sup> No entanto, não fazemos isso no grau em que as gerações anteriores o faziam. Isso dá origem a duas perguntas relacionadas. Por que esse interesse se desvaneceu? Por que o modo como a igreja era governada era tão importante para os nossos pais presbiterianos?

---

3 Um punhado desses foi reunido e recebeu forma mais permanente. Veja Robert L. Dabney. *Discussion: Evangelical and theological*, vol 2 (Richmond, VA: Presbyterian Committee of Publication, 1891; reed., Edimburgo: Banner of Truth, 1967); James H. Thornwell. *Collected writings of James Henley Thornwell*, vol 4: *Ecclesiastical*, org. John B. Adger e John L. Girardeau (Richmond, VA: Presbyterian Committee of Publication, 1873; reed., Edimburgo: Banner of Truth, 1974); Thomas E. Peck. *Miscellanies of Thomas E. Peck*, 3 vols. (Richmond, VA: Presbyterian Committee of Publication, 1895-1897); reed., Edimburgo: Banner of Truth, 1999); Charles Hodge. *Discussions in church polity: From the contributions to the "Princeton review"* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1878).

4 João Calvino. *Institutes of the Christian religion*, 2 vols., org. John T. McNeill, trad. Ford Lewis Battles. (Filadélfia: Westminster, 1960), 1009-1521.

5 John Knox. *Second book of discipline* (1578), reed. Em Robinson. *The church of God*, 117-149; Samuel Rutherford. *A peaceable and temperate plea for Paul's presbytery in Scotland* (1642); *The due right of presbyteries* (1644); *Divine right of church government and excommunication* (1646); George Gillespie. *Treatise of miscellany questions, Aaron's rod blossoming [...], 111 Propositions on church government, assertion of the government of the church of Scotland*, reed. Em *The Presbyterian's armoury*, 3 vols. (Edimburgo: R. Ogle e Oliver e Boyd, 1846).

6 Veja, por exemplo, Robert C. Cannada e W. Jack Williamson. *The historic polity of the PCA* (Greenville, SC: A Press, 1997).

Uma razão importante pela qual o interesse pelo método de governo da igreja tem diminuído são as tristes experiências de muitos presbiterianos conservadores nas igrejas presbiterianas principais do século 20.<sup>7</sup> A infidelidade de muitas denominações e até mesmo a perseguição de oficiais fiéis dentro dessas denominações corromperam os propósitos íntegros do governo bíblico da igreja. Muitos cristãos procuraram comunhão, evangelização e missões fora das estruturas denominacionais. O resultado foi um distanciamento infeliz do governo da igreja e do mandato bíblico de evangelização e discipulado.

Esse curso de acontecimentos pouco fez para deter a onda de individualismo e autossuficiência que tem caracterizado o cristianismo norte-americano há muito tempo.<sup>8</sup> Os evangélicos norte-americanos frequentemente exibem falta de confiança nas instituições e autoridade, incluindo a da igreja. Esses padrões vão contra o caráter do ensino da Bíblia para a igreja. A Escritura diz aos cristãos que precisamos uns dos outros, particularmente do trabalho fiel dos oficiais da igreja, para crescer na vida cristã (veja Ef 4.11-16).

Talvez, um passo na direção de uma recuperação do interesse pelo sistema de governo na igreja presbiteriana contemporânea seja considerar por que a doutrina da igreja era tão importante para nossos antepassados presbiterianos. Pelo fato de que eles eram comprometidos de todo o coração com a Bíblia, podemos acreditar que o interesse e o trabalho deles refletiam as prioridades bíblicas. De fato, podemos considerar quatro maneiras pelas quais as Escrituras enfatizam a importância da igreja.

Em primeiro lugar, há uma conexão bíblica íntima entre Cristo e sua igreja. Cristo é a cabeça do seu corpo, a igreja (Cl 1.18, 24; Ef 5.23; At 9.5). Os interesses de Cristo estão ligados à igreja. Estudar e honrar o governo da igreja é trazer glória a Jesus, que instituiu esse governo para a sua própria glória e para o bem da igreja. Uma razão, por exemplo, pela qual os protestantes reformados protestaram tão veementemente contra a reivindicação do Papa de ser o vigário de Cristo na terra é que eles entenderam que essa reivindicação usurpava o direito exclusivo de Cristo de governar a igreja.

Em segundo lugar, a igreja é um corpo que é tanto divinamente criado quanto divinamente governado. A igreja é divinamente criada. Ela não é uma mera asso-

7 Isso foi registrado em obras como Morton Smith. *How is the gold become dim: The decline of the Presbyterian church, U.S., as reflected in its assembly actions*, 2a. ed. (Jackson, MS: Steering committee for a continuing Presbyterian church, 1973); John Edwards Richards. *The historical birth of the Presbyterian Church in America* (Liberty Hill, SC: Liberty Press, 1987).

8 Particularmente, veja Nathan Hatch. *The democratization of American Christianity* (New Haven, CT: Yale University Press, 1989).